

# Momento decisivo



## Orgulho da paternidade

Esta acabou sendo a maior aventura da minha vida *Por IAN GILLESPIE*

**E**RA UM PEQUENO *show* aéreo num aeroporto da cidade. Durante algum tempo, meu filho e eu nos encantamos com os pára-quedas descendo em espiral e o roncar do motor do biplano fazendo acrobacias. Mas o dia estava úmido, ventava muito, e meu filho acabou se cansando.

A caminhada pela grama até o carro estava difícil, quando de repente esbarrei num velho amigo dos tempos AP – Antes da Paternidade.

Não o encontrava havia anos. Praticávamos pára-quedismo juntos naquela época despreocupada de solteiro, quando o maior problema era chegar a tempo para comprar cerveja antes de a loja fechar.

## Momento decisivo

Hoje estou casado, tenho uma casa e três filhos – dois meninos e uma menina, todos com menos de 7 anos. E a vida, bem, mudou.

– Você ainda salta? – perguntou meu amigo.

– Ahhh... não – respondi, com meu filho se enroscando em minhas pernas.

– E o que você está fazendo?

– Criando uma família – disse, com naturalidade.

Ele pareceu desapontado. Não parava de olhar por cima dos meus ombros, como se algo lhe chamasse a atenção.

Perguntei-lhe quais eram as novidades. Ele contou que tinha registrado mais de 2 mil saltos nos últimos cinco anos. Meu filho me puxava pela calça enquanto trocávamos notícias sobre clubes de pára-quedismo, e pensei comigo mesmo que um dia eu tinha saltado mais do que ele.

– Por que já vai embora? – perguntou ele. – Está na hora dos Snowbirds.

Expliquei-lhe que o menino estava entediado, com fome e com frio. Meu amigo me lançou um olhar intrigado. Prometemos sem convicção nos encontrar em breve e nos despedimos.

Pendurei no ombro o binóculo e

a bolsa térmica, conferi a sacola plástica com as provisões típicas de um garotinho – chapéu, protetor solar, pipoca, balas e bonecos –, peguei a cadeira dobrável e, com meu filho saltando à frente, reiniciei a caminhada.

Na volta para casa, os Snowbirds – uma famosa esquadrilha de demonstração aérea – surgiram de súbito à minha direita e se agruparam desenhando um losango, formas brilhantes faiscando. Virei-me

para mostrá-los ao meu filho, mas ele adormecera. Tentei dar mais uma olhada pelas janelas laterais e pelos retrovisores, mas eles já haviam desaparecido.

Mais tarde, comecei a pensar sobre como os filhos tinham mudado minha vida, e de que maneira eu poderia ter explicado isso ao meu

amigo AP. Era o mesmo que perguntar ao vencedor de quatro patas de uma corrida de cavalos como ele tinha conseguido a vitória – talvez ele saiba a resposta, mas você jamais a ouvirá dele.

Os pais do passado em geral eram os únicos a receber salário na casa, e deixavam as tarefas domésticas e a criação dos filhos por conta das mulheres. Hoje, a maioria das famílias conta com dois provedores, e portanto, nós, pais modernos,

---

Jamais  
esquecerei  
a visão do  
meu filho  
deitado na  
maca enorme.

---

temos uma participação maior na assistência aos filhos, um papel pouco conhecido. Acrescente-se esta verdade óbvia: educar filhos é um trabalho enervante, de 24 horas por dia. É uma exigência constante de tempo, energia, dinheiro e emoções. Você não é mais dono da sua vida.

**Q**UANDO eu saltava de aviões, os colegas avisavam que nunca se deve subestimar a gravidade, pois quando você menos espera o chão pode surgir do nada e lhe fazer uma surpresa.

Algo assim aconteceu quando meu filho mais novo tinha 1 ano e minha filha ainda não tinha nascido. Já era noite e minha mulher não estava em casa. Depois de ler para o mais velho dormir, fui ver o bebê. Ele estava chorando – nada de extraordinário. Mas, quando o toquei, vi que estava ardendo em febre e ensopado de suor.

Arranquei-lhe as roupas, dei-lhe uma mamadeira com água e me sentei diante da televisão com ele no colo. Um minuto depois, ele estremeceu, revirou os olhos, vomitou e o seu corpo começou a se sacudir.

Como mais tarde minha mulher e eu descobrimos, cerca de 4% das crianças têm pelo menos uma convulsão febril. Causada pela incapacidade de suportar uma elevação rápida da temperatura corporal, em geral seus efeitos não são graves. Entretanto, conforme um artigo recentemente publicado

na revista *Pediatric Child Health*, “a maioria dos pais, ao assistir a uma convulsão, acredita que o filho vai morrer”.

Levei Graeme para a bancada da cozinha. Com uma das mãos apertada contra o seu peito, peguei um pano molhado e lhe dei um banho. “Vamos lá, rapaz”, insisti. “Reaja.”

Depois de oito minutos, seu corpo ainda se contorcia em espasmos. Telefonei para a Emergência e continuei com as compressas molhadas. De repente, ele se sentou e quase caiu da bancada. Para mim, foi como ver o pára-quedas de emergência se abrir a 150 metros do chão, nos últimos segundos.

Os paramédicos chegaram, deram oxigênio a Graeme e nos levaram para o hospital. Jamais esquecerei a visão do meu filho deitado na maca enorme, os cabelos ruivos contrastando com o azul dos lençóis, sendo levado para o pronto-socorro, mais parecendo um reizinho que ia ser coroado.

Durante 12 horas meu corpo latejou e minha mente permaneceu em estado de alerta. Fiquei firme e lúcido ao lado de minha mulher em prantos, dos médicos e do meu filho. Escutei, assimilei, orientei. Comprei remédios, contei gotas e mantive a calma durante a vigília.

NO DIA SEGUINTE, porém, desmontei. Não conseguia comer, dormir nem falar. O dia inteiro meu coração parecia falhar, apunhalado por pontadas de medo. Nunca me senti

## Momento decisivo

tão pequeno, tão sozinho e tão vulnerável.

Eu deveria ter sido capaz de explicar isso ao meu amigo AP. Deveria ter largado tudo no chão e voltado correndo para lhe dizer que sim, passo os dias limpando narizes, trocando fraldas, catando sapatos e brinquedos, e outros mil e um detalhes insignificantes que consomem tempo e energia. Que é uma rotina implacável e exaustiva, que me faz xingar, praguejar e ter saudade de

quando não tinha filhos. Mas que também faz com que eu me sinta parte de algo maior, mais importante e absolutamente indispensável.

Eu deveria ter dito ao meu amigo que às vezes, quando menos espero, quando meus filhos montam em cima de mim, recebem-me à porta de casa ou riem pela simples alegria de existirem, este me parece o único lugar onde devo estar. “Sou pai”, eu deveria ter lhe dito. “E essa é a maior aventura da minha vida.”

## ATENDIMENTO DE PRIMEIRA



De dois em dois meses, faço uma mala direta para a empresa onde trabalho e essa tarefa exige um formulário especial do correio americano. Eu tinha uma cópia ilegível que me havia sido enviada por fax, por isso telefonei para a agência dos correios e pedi ao funcionário que me mandasse um novo formulário.

– Posso enviá-lo por fax, mas não por correio – ele me respondeu.  
– Não enviamos mais cartas desta agência. –CHRISTY ADAMS, *EUA*

Quando trabalhei na Indonésia, de vez em quando visitava a linda Ilha de Bali. Lá, havia diversos barracos de beira de estrada. Os anúncios pregados diziam se tratar de lojas de antiguidades, fato confirmado pelo aspecto envelhecido dos artigos expostos do lado de fora. Mas o cartaz que mais me chamou atenção – e ganhou meu respeito, pela sinceridade – era o que alardeava: “Antiguidades – feitas sob encomenda.”

–SUSAN WOODS, *Canadá*

A mulher que anotava meu pedido numa lanchonete tinha uns 25 anos. Era atraente, expansiva e dona de um sorriso afetuoso. Embora eu tenha 45 anos, senti uma química especial entre nós. Antes de me dirigir do balcão para a mesa, nossos olhares se cruzaram mais uma vez e trocamos sorrisos.

Enquanto eu comia meu hambúrguer, olhei o recibo. Ela havia me dado um desconto para cidadãos da terceira idade.

–RICHARD WORTHINGTON, *EUA*